

Um cinema de cooperação

Com pouco dinheiro para a produção, diretores e equipe se unem num verdadeiro mutirão estético para exibir o filme na telona

» RICARDO DAEHN

Curiosamente, o cenário da produção de cinema local abriga duas cineastas que estão, além de grávidas na vida real, envolvidas na mesma fita de terror, batizada de *Angélica acorrentada*. Já filmado na Cidade de Goiás, o curta-metragem assinado por Anna Karina de Carvalho (e que traz como produtora e roteirista, a atriz Cibeles Amaral) tem boas perspectivas de ser finalizado, pelo avançado nível de pré-montagem. “Acredito muito no tipo de cinema que envolve cooperação, isso pela característica de ser uma arte de equipe”, observa Anna Karina. “A Anna trouxe para o roteiro uma intuição e facetas de uma crise que não existiam na ideia original”, completa Cibeles Amaral.

Depois de investidas cômicas em curtas como *Momento trágico* e *Enciclopédia do inusitado e do irracional*, a atriz encarou uma personagem densa, com direito à preparação de elenco administrada pela terapeuta de bioenergética Marta Rocha. “Será um thriller psicológico que acompanha uma mulher em fase de surto. Ela está grávida e busca conforto nu-

Daniel Banda/Divulgação



Cibeles Amaral (D) é a estrela do filme *Angélica acorrentada*, que está em processo de finalização

ma espécie de recolhimento, recorrendo a memórias para superar a crise”, conta Cibeles.

Contemplado pelo FAC, o curta, com imagens de André Luís da Cunha, está na fila do pleito por recursos para possível transfer para 35mm. Surprende com o “bom volume de produções brasileiras”, Anna, morando há cinco anos na cidade, faz a ressalva apenas de as equipes serem sempre as mesmas. Com currículo recheado por um média-metragem realizado para a tevê sueca, a diretora de *Utopia* — *No umbigo do mundo* conta que o ponto de partida do curta foi o quadro *Angélica Acorrentada* (de Ingres), conferido no Masp, ao lado do namorado. Além de Cibeles Amaral, Gabrielle Lopes (de *A concepção*) integra o elenco.



É a história de um cara que morre e se encontra com um Deus que não lembra em nada a imagem que as pessoas têm dele. Daí, os dois fecham uma aposta”

André Miranda, diretor do curta-metragem *Deus*

Ânsia de filmar

O compasso de espera, diante da expectativa da liberação do montante de R\$ 80 mil proveniente do FAC, é o único impeditivo para o avanço das filmagens de *Verdadeiro ou falso* (de Jimi Figueiredo). “Estou muito preocupado, porque ainda pretendo filmar em julho, já que a pré-produção está toda pronta e o dinheiro, atrasado”, conta Jimi, empenhado num registro em 35mm. Estimado em 12 minutos de duração, o curta terá fotografia de Alexandre Magno, na quinta investida de Jimi Figueiredo no formato, desde 2004.

“Toda urbana”, e tendo como locações um apartamento e um bar, a fita trará no elenco Adriana Siri e André Deca. “É sobre

Cláudio Moraes/Divulgação



Arte de Nestrabo Neto e Rodrigo Mafra/Divulgação



Crítica à banalização da violência

Com parte da produção já filmada, o curta *Reconhecimento* (de Ítalo Cajueiro), em 15 minutos, vai mesclar os atores André Deca, Catarina Accioly e Marcos Vinícius à porção animada (em desenhos) de cada personagem que eles interpretam. Apesar de tratar de sequestro-relâmpago, o filme (orçado em R\$ 80 mil) será caracterizado pelo humor de situação inusitada. “No momento em que o sequestrador empunha a arma, vira animação, numa forma de remeter à pop art. Usamos para reforçar o clichê com que a violência é tratada. São imagens que se aproximam muito dos quadros do Roy Lichtenstein, e daí vem a crítica à normalidade e frieza com que a violência é tratada hoje em dia”, explica Cajueiro, que pretende submeter o filme à seleção do 42º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

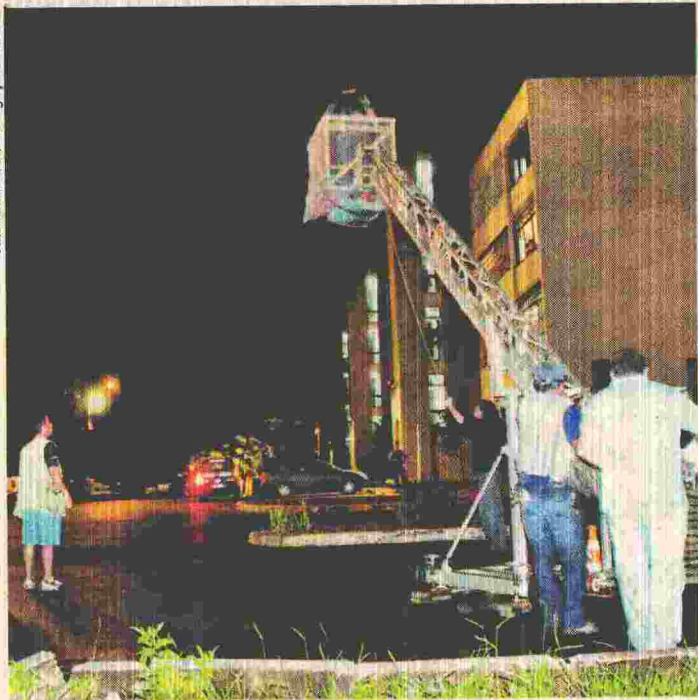
um cara que descobre que quase tudo na vida dele é falso: a mulher dele mente demais para ele, a amante também, o uísque é falsificado e a grande inovação que ele guarda para o trabalho já existe. Por isso, ele entra em conflito com tudo e todos”, adianta Figueiredo. Para o cineasta, o novo filme avança em terrenos bem diversos das obras anteriores dele, *Superfície* e *Paralelas*. “É uma comédia com certas viagens, tudo bastante livre. Longe de ser uma história formal, há devaneios da personagem que se misturam à realidade”, comenta.

Com perspectiva de rodar o curta *Deus* na última semana de setembro, André Miranda, 25 anos, engrossa a lista dos realizadores, a postos, na capital. Para a comédia “meio escanca-

rada, mas com real reflexão”, ele promete investir na relação “meio esquisita” mantida entre mortais e o Ser divino. No elenco, Lauro Montana e Andrade Júnior já estão escalados. Depois de sete meses de mestrado na Escola Superior de Cinema e Audiovisual da Catalunha (Barcelona), André (que respondeu pelo curta *Ódio puro concentrado*) voltou com o roteiro pronto — em que Deus é desafiado a provar a real Existência — e parte da equipe montada. Isso além dos R\$ 90mil assegurados para a realização. Exigente, André só não abre mão de um detalhe: usar película, de fato, nas filmagens. “A textura da película não pode ser alcançada de outro modo: é ela que dá uma latitude muito maior de luz, de cor e de grão”, conclui.

Camus ceilandense

Entrando na reta final das filmagens, hoje, o curta-metragem *Nós vivendo* (do premiado Adirley Queirós) tem roteiro baseado em texto do francês Albert Camus, em busca da revelação de traços sociais vistos na Ceilândia. “Mostraremos um grupo de operários decepcionado com uma greve frustrada e demarcamos um pouco da vida na periferia”, conta o produtor Anderson Floriano. Com filmagens iniciadas no Ceilambódromo e estendidas para as ruas e para o metrô, o curta introduz atores saídos de oficina na Ceilândia, com Wellington Abreu apoiando os intérpretes iniciantes. A ser finalizada para o segmento 35mm, a fita consumirá R\$ 140 mil.



Afetividades e despedidas

Comandado pela diretora taguatinguense Adriana Vasconcelos, formada pela UnB, o curta *Senhoras* é outro na lista dos que objetivam o próximo Festival de Brasília. Ao lado da colega Mallu Moraes, a veterana paulista Berta Zemel (de *Desmundo*) enfrentou uma breve, mas rigorosa jornada de trabalho, para contar história que avança fundo na afetividade e no tema de despedidas. Um poema da portuguesa Florbela Espanca embala a fita com arremates femininos.